

---

## Introdução

# Olhos atentos observam a Terra

**D**e acordo com a Força Aérea Norte-Americana (USAF), em novembro de 1975, vários UFOs — um deles voando tão baixo que sua forma discoide pôde ser notada — foram relatados pela polícia de segurança executando manobras, e até pairando acima de vários locais onde se encontravam mísseis nucleares Minuteman, do lado de fora da base da USAF em Malmstrom, Montana<sup>1</sup>. Este relatório é apenas a ponta do *iceberg*. De fato, a atividade ufológica periódica em instalações onde se encontram armas nucleares tem persistido no decorrer dos anos e continua a ocorrer. Pelo que sei, o avistamento mais recente de um UFO próximo a local de mísseis Minuteman se deu em dezembro de 2006.

UFOs espionando armas nucleares? Por quê? Sem dúvida, o acontecimento mais importante nas questões internacionais nos últimos 60 anos foi a criação de armas nucleares. O uso delas por parte dos Estados Unidos contra o Japão, em agosto de 1945, terminou de forma abrupta e decisiva a Segunda Guerra Mundial. Nas décadas seguintes, até o fim da

---

1 Carta da Força Aérea Norte-Americana (USAF), *Request for Information Under the FOIA [Pedido de Informação Pela Lei de Liberdade de Informação, FOIA]*, do coronel Terrence C. James a W. Todd Zechel, em 04 de outubro de 1977.

Guerra Fria, em 1991, o conflito ideológico entre capitalismo e comunismo resultou numa tenebrosa confrontação entre Estados Unidos e União Soviética que deixava as pessoas, em todo o planeta, num perene estado de preocupação em torno da continuidade de sua sobrevivência.

Essa apreensão não era infundada. Como se viu em Hiroshima e Nagasaki, os efeitos catastróficos de uma única bomba atômica foram horrendos ao extremo. Quando as bombas de hidrogênio, muito mais devastadoras, começaram a ser testadas e usadas no início da década de 50, cidadãos de todas as nações tiveram a amarga constatação de que a guerra seguinte viria com o potencial para a aniquilação nuclear da civilização humana. Nesse tenso período, as duas superpotências entraram num acordo estratégico político conhecido como Destruição Mutuamente Garantida [*Mutually Assured Destruction, MAD*], segundo o qual os dois países — Estados Unidos e União Soviética — comprometiam-se a, se atacados um pelo outro, liberar todo o seu arsenal nuclear contra o outro, e inevitavelmente sobre todo o planeta. Nesse confronto, milhares de armas nucleares seriam detonadas simultaneamente numa orgia de devastação.

Aparentemente, essa tétrica situação não passou despercebida. Embora muitas pessoas ainda não saibam, existe uma ligação muito bem documentada entre os objetos voadores não identificados e as armas nucleares. Documentos liberados da USAF, do FBI e da CIA estabelecem um padrão convincente, contínuo, da atividade dos UFOs sobre locais de armas nucleares, década após década. Centenas desses avistamentos — muitos dos quais verificados por radar — ocorreram em laboratórios de pesquisa, usinas de material físsil, locais de teste, instalações de lançamento de mísseis, plataformas de alerta de bombardeiros e depósitos de armas nucleares. Um antigo memorando do FBI, datado de 31 de janeiro de 1949, por exemplo, faz referência à repetida observação de “*objetos voadores discoides, discos voadores e bolas de fogo*” acima ou perto de Los Alamos, Novo México — o berço das armas nucleares — já em dezembro de 1948. O memorando enfatiza: “*Esse assunto é considerado altamente secreto por oficiais da Inteligência do Exército e da Força Aérea*”<sup>2</sup>.

---

2 Memorando do FBI, arquivo 65-58300, *Protection of Vital Installations* [Proteção de Instalações Vitais], SAC San Antonio para J. Edgar Hoover, 31 de janeiro de 1949.

Com base nesses documentos e outras evidências, este autor afirma que há um vínculo inegável entre o surgimento das armas nucleares em meados da década de 40 e o aumento da incidência de avistamentos de UFOs em todo o mundo desde aquela época. Além disso, é provável que um dos motivos pelos quais o governo norte-americano tenta esconder seu extenso conhecimento do Fenômeno UFO é o medo de reconhecer que observadores desconhecidos, pilotando naves em áreas enormemente superiores, têm monitorado de forma sistemática nossas armas nucleares. E como o leitor verá, às vezes até interferido em seu funcionamento.

Por mais incrível que pareça tal afirmação, ela se baseia em dados convincentes, documentados, reunidos há mais de quatro décadas por um grupo dedicado de investigadores do Fenômeno UFO. Centenas de documentos do governo dos Estados Unidos, além de muitos outros, liberados graças aos esforços dos pesquisadores através da Lei de Liberdade de Informação [*Freedom of Information Act, FOIA*], mostram que há uma definitiva ligação entre os UFOs e as armas nucleares. Ademais, numerosos ex-militares vêm gradualmente se manifestando para confirmar seu envolvimento em um ou outro ocorrência ligada aos UFOs em locais de armas nucleares. Embora alguns desses relatos já sejam conhecidos do público há anos, muitos outros serão apresentados pela primeira vez neste livro.

Nos últimos 35 anos, entrevistei pessoalmente quase 100 ex-militares e militares na reserva da Força Aérea a respeito de seu envolvimento nesses casos. Tais indivíduos, que variam desde coronéis a ex-aviadores, descrevem encontros extraordinários, com óbvias implicações para a segurança nacional. Na época em que tiveram suas experiências com UFOs, minhas fontes ex-militares da USAF ocupavam posições tais como oficial de lançamento de mísseis nucleares e oficiais de alvo, manutenção de mísseis, e polícia de segurança de lançamento de mísseis. Os incidentes descritos por esses homens ocorreram entre 1962 e 1996, em locais de mísseis balísticos intercontinentais [*Intercontinental ballistic missiles, ICBMs*] controlados pelas bases da Força Aérea de Malmstrom, Minot, F. E. Warren, Ellsworth, Vandenberg e Walker.

Outros indivíduos que também já foram da Força Aérea relatam atividade ufológica em áreas de depósito de armas [*Weapons Storage Areas, WSA*] nas bases de Wurtsmith e Loring, onde ficavam os esquadrões de

bombardeiros B-52, bem como nos depósitos de armas em Bentwaters, da Força Aérea Real Britânica (RAF), uma base norte-americana na Inglaterra. Entre os veteranos que entrevistei há alguns que tinham posições de autoridade, incluindo um comandante de base, um comandante auxiliar, e três comandantes de esquadrão, todos os quais serão identificados neste livro. Sem dúvida, o testemunho dessas fontes não é uma evidência científica. Entretanto, é um depoimento dado — às vezes com relutância — por pessoas que foram encarregadas pelo governo norte-americano da operação ou da segurança de armas de destruição em massa. Todos se sujeitavam e passavam por rigorosa verificação de caráter e por testes de personalidade cujo objetivo era determinar, com considerável grau de precisão, sua estabilidade e confiabilidade psicológicas.

Além de minhas fontes da Força Aérea Norte-Americana (USAF), também entrevistei numerosos veteranos do Exército e da Marinha dos Estados Unidos que também relatam incidentes com UFOs em locais de armazenagem de armas nucleares ou em áreas de teste. Diante de todos esses relatos, numerosos demais para serem ignorados, afirmo aqui que a investigação da conexão entre UFOs e armas nucleares é vital para compreendermos o enigma que é o Fenômeno UFO.

## **Uma busca abrangente**

Perguntam-me com frequência como surgiu meu interesse pelos UFOs e, em particular, pela atividade ufológica nos locais onde existem armas nucleares. Em outubro de 1966, meu pai, o sargento Robert E. Hastings, foi transferido para a base da Força Aérea em Malmstrom, Montana, onde ocupou o posto de oficial em comando não comissionado na Divisão de Armas Especiais da 28ª Divisão Aérea. Sua função era supervisionar o equipamento de apoio para oito esquadrões de radar subordinados e três esquadrões de caças. O termo “armas especiais” é um jargão militar para armas nucleares. Na época, a 341ª Ala de Mísseis Estratégicos, sediada em Malmstrom, controlava 150 mísseis balísticos intercontinentais Minuteman I e Minuteman II. O escritório de meu pai ficava no prédio de alta segurança do Ambiente Terrestre Semiautomático [*Semi-Automatic Ground*

*Environment, SAGE*], uma construção enorme e sem janelas que abrigava um intrincado sistema de rastreamento por radar auxiliado por computador, o mais avançado no mundo naquela época.

O sistema ligava vários postos de radar no país e tinha o objetivo de monitorar o espaço aéreo norte-americano. Caso eclodisse uma guerra com os soviéticos, seus bombardeiros nucleares sobrevoariam a região ártica, atravessando o espaço aéreo canadense, e continuariam em direção ao sul até os alvos designados nos Estados Unidos. O sistema SAGE, Semiautomático, rastrearía as aeronaves inimigas, até interceptá-las e derrubá-las. Na época em que meu pai trabalhou na base de Malmstrom, eu tinha 16 para 17 anos e estava na escola. Também trabalhava três noites por semana como zelador na torre de controle de tráfego aéreo da base. Uma das áreas que eu limpava era o Centro de Aproximação e Controle de Radar [*Radar Approach and Control, RAPCON*], uma sala mal iluminada na qual havia várias telas de radar constantemente monitoradas tanto pelos controladores de tráfego aéreo da Administração Federal de Aviação [*Federal Aviation Administration, FAA*] quanto da Força Aérea Norte-Americana (USAF).

Certa noite, em março de 1967, pouco depois de eu entrar na sala do RAPCON, um dos controladores da FAA — que me havia ensinado teoria e operação de radar em seus intervalos do trabalho — me chamou para olhar sua tela e me mostrou cinco “alvos” não identificados sendo rastreados exatamente naquele momento. Referiu-se a eles como “UFOs” ou “desconhecidos”, ou algum termo semelhante. Fiquei muito intrigado e lhe fiz algumas perguntas sobre os alvos. O controlador disse apenas que dois caças tinham sido enviados para investigar. Acho que fiz perguntas demais, porque ele de repente me pediu que saísse da sala e terminasse de limpar mais tarde. Quando mencionei o assunto de novo, era evidente que ele não queria mais falar dos UFOs, sentindo talvez que já tinha falado demais.

Alguns dias depois desse acontecimento, outra fonte confiável me disse que quando os caças se aproximaram dos UFOs, os misteriosos objetos aéreos já tinham subido verticalmente, a uma velocidade enorme, deixando os jatos para trás. Mais importante: no momento da tentativa de interceptação, os cinco UFOs pareciam estar manobrando perto dos locais de mísseis, na região de Judith Basin, muitos quilômetros à sudeste

de Malmstrom. Infelizmente, eu recebi essa informação por terceiros, passada por meu pai, que a tinha ouvido de outras pessoas que trabalhavam no prédio do SAGE, onde corriam rumores sobre a ocorrência.

Seja como for, descobri mais tarde que incidentes semelhantes ocorreram em Malmstrom e em outras bases de Comando Aéreo Estratégico [*Strategic Air Command, SAC*], em várias ocasiões durante o período da Guerra Fria, e estão documentados em diversos diários de bordo e relatórios da Força Aérea e do Comando Norte-Americano de Defesa Aeroespacial [*North American Aerospace Defense Command, NORAD*], liberados pela Lei de Liberdade de Informação. Além disso, os pesquisadores citam numerosas ocorrências que, embora ainda não documentados, se baseiam nas afirmações já públicas de ex-militares da Força Aérea ou militares hoje na reserva, bem como da polícia de segurança, que foram destacados para os campos de mísseis do SAC nas últimas quatro décadas.

Em suma, minha experiência na torre de controle de tráfego aéreo em Malmstrom me levou a pesquisar os UFOs e o suposto interesse de seus pilotos por nossas instalações de armas nucleares. Como observação, informo que uso os termos “armas nucleares” em todo o livro. Entretanto, as primeiras armas nucleares eram na verdade *bombas atômicas*, e não as armas termonucleares muito mais poderosas em uso hoje.

Um dia, em 1973, mais ou menos um ano após eu me formar na faculdade, estava explorando numa biblioteca o arquivo de jornais e revistas, atrás de notícias de avvistamentos de UFOs, quando encontrei um artigo de 1966 escrito pelo doutor J. Allen Hynek, que na época era consultor científico civil do grupo de investigações da Força Aérea, o Projeto Blue Book<sup>3</sup>. Para minha surpresa, o longo artigo de Hynek mencionava um caso intrigante da presença de um UFO num local de mísseis Minuteman na Base Aérea de Minot, Dakota do Norte, em agosto de 1966, que se assemelhava ao incidente na base de Malmstrom, ocorrido mais tarde naquele ano, na primavera, e que despertou meu interesse por tais casos. Pouco depois dessa descoberta intrigante, encontrei outras duas referências a UFOs nos locais de mís-

---

3 J. Allen Hynek: *Are Flying Saucers Real? [Os Discos Voadores Existem?]*, no jornal *Saturday Evening Post*, 17 de dezembro de 1966.

seis em Malmstrom, em 1966 e 1967, em livros escritos por Raymond Fowler<sup>4</sup> e Donald Keyhoe<sup>5</sup>. Essas descobertas reacenderam minha curiosidade acerca da presença dessas estranhas naves áreas sobre nossas instalações de armas nucleares. Conseqüentemente, resolvi procurar e entrevistar veteranos da Força Aérea Norte-Americana (USAF) que pudessem ter informações relevantes para me passar.

## Métodos de pesquisa

Minha abordagem às fontes de informação nas últimas décadas tem sido bastante objetiva. A cada oportunidade que tenho, eu converso — primeiro, de uma maneira casual — com pessoas cujas missões na Força Aérea, em seu trabalho como lançadores de mísseis, polícia de segurança, operadores ou pilotos, possam ter possibilitado a observação de um incidente relacionado aos UFOs. Após identificar alguém que teve realmente uma experiência ufológica em serviço, entrevisto a pessoa formalmente, se ela concordar.

Na década de 70, conheci ex-militares da Força Aérea e militares na reserva por acaso, no decorrer de minhas atividades diárias. Quando alguém me revelava sua condição de veterano, no meio de uma conversa, eu perguntava sobre o tipo de trabalho que fazia, e sobre seus deveres. Se o indivíduo tivesse trabalhado numa base do SAC ou de bombardeiros, eu mencionava a questão dos UFOs. Às vezes, o veterano tinha algum conhecimento de um ou outro acontecimento, numa ou noutra base, e nos aprofundávamos no assunto, se ele permitisse.

Obviamente, esse método de coletar dados era muito ineficaz. No entanto, após me aventurar num circuito de palestras dadas em universidades norte-americanas em 1981, com um programa voltado para a discussão do acobertamento ufológico, logo descobri que muitos ex-militares e militares reformados assistiam às minhas apresentações. Após a palestra, era comum que um deles viesse me procurar para relatar um incidente es-

---

4 Raymond E. Fowler: *UFOs: Interplanetary Visitors* [UFOs: Visitantes Interplanetários, Prentice-Hall, 1974].

5 Donald Keyhoe: *Aliens From Space* [Alienígenas do Espaço, Doubleday, 1973].

pecífico envolvendo UFOs numa base ou noutra. Muitos desses veteranos concordavam em dar uma entrevista completa, futuramente.

Com o tempo, esse tipo de interação resultou num significativo aumento das fontes que entrevistei no decorrer dos anos. Com o advento da internet, comecei a pesquisar *online* antigos militares que pudessem ser entrevistados. Muitos esquadrões de mísseis da Força Aérea Norte-Americana (USAF) e de bombardeiros possuem associações de alunos cujos sites na internet oferecem um livro de visitantes ou boletim informativo, nos quais os veteranos tentam localizar uns aos outros, expressar comentários nostálgicos etc. Quando identifico uma fonte potencial, determinada por seu tipo de ocupação ou pelo fato de ter trabalhado em uma ou mais bases do SAC em determinados períodos, envio um e-mail à pessoa, explico a natureza de minha pesquisa, e pergunto se pode me ajudar.

Além de procurar fontes *online*, também me afiliei a várias organizações compostas em grande parte — embora não exclusivamente — de ex-militares. Em 2002, a Associação de Lançadores de Mísseis da Força Aérea [*Association of Air Force Missileers, AAFM*], concordou em publicar em seu boletim de setembro um artigo que escrevi sobre incidentes envolvendo UFOs e mísseis balísticos intercontinentais, que continha um pedido por parte dos membros da organização de informações sobre tais casos<sup>6</sup>. O pedido resultou em 37 respostas, todas de ex-militares da USAF ou militares reformados que trabalharam com mísseis nucleares. Apesar de a maioria apoiar meu trabalho, apenas sete puderam me fornecer informações úteis, acerca de um ou outro caso, que pudessem ser pesquisadas. Um dos homens que me respondeu começava a carta assim: “*Sempre me perguntei quando alguma coisa assim ia acontecer*”. Em seguida, contava-me sobre um bom número de intrigantes casos de UFOs no início da década de 90, na Base Aérea de F. E. Warren, em Wyoming.

Entretanto, no outro extremo do espectro, também recebi uma carta irada de um coronel da reserva que me criticava por perguntar a respeito de questões ultrassecretas. Concluía a carta querendo saber se eu possuía cópias de relatórios liberados sobre os UFOs com a assinatura dele. Mas eu não tinha. Desnecessário dizer que o coronel não

---

6 Endereço: [www.afmissileers.org/newsletters/NL2003/mar03.pdf](http://www.afmissileers.org/newsletters/NL2003/mar03.pdf).



descreveu os incidentes que culminaram em seus relatórios. No início de minha carreira de pesquisador, tomei a decisão deliberada de jamais interrogar oficiais da Força Aérea na ativa, que trabalhassem com mísseis nucleares, sobre quaisquer ocorrências envolvendo UFOs e armas nucleares — embora essa categoria específica de testemunhas possua as mais atualizadas informações sobre o que suponho ser uma contínua atividade ufológica sobre locais de mísseis balísticos intercontinentais. Não era minha intenção prejudicar a carreira militar de ninguém.

Presumi, contudo — e acertadamente — que as consequências negativas para ex-militares praticamente não existiriam, caso suas conversas confidenciais comigo fossem expostas, em dado momento. Refleti que qualquer assédio oficial a esses veteranos, nesse sentido, geraria demasiada atenção, principalmente se as próprias testemunhas revidassem — talvez procurando a mídia com seus conhecimentos de um incidente com UFO ainda secreto, ou divulgando uma tentativa do governo de intimidá-las a se calarem. De qualquer forma, nenhum de meus contatos sofreu represália legal ou de qualquer outra espécie por ter falado comigo a respeito de seu envolvimento em algum acontecimento envolvendo UFOs e armas nucleares ainda considerado secreto.

O pesquisador Barry Greenwood, coautor do excelente livro *Clear Intent [Intenção Clara, Prentice-Hall, 1984]*, que contém muitos documentos liberados relatando a presença de UFOs em locais militares, disse-me recentemente: *“Entre em contato certa vez com o escritório do inspetor geral da Força Aérea para perguntar se alguém já foi processado por quebra o sigilo em relação a eventos envolvendo UFOs. Responderam-me que não. Em outras palavras, em nenhum momento da história uma testemunha militar foi punida por revelar segredos acerca dos UFOs. Tentei pensar num exemplo que contradissesse isso, mas não encontrei nenhum”*<sup>7</sup>.

## Fontes específicas de informação

Não fiquei surpreso que as respostas às minhas perguntas a centenas de veteranos da Força Aérea Norte-Americana (USAF) que trabalharam com armas nucleares fossem tão variadas. A maioria afirmava não ter

---

7 Comunicado pessoal de Barry Greenwood a Robert Hastings, 27 de fevereiro de 2008.

conhecimento de incidente algum considerado de caráter confidencial, envolvendo UFOs, ocorrido em locais de mísseis balísticos intercontinentais, ou em instalações de depósito de armas nucleares, ou em qualquer outro local. Embora seja possível que alguns desses indivíduos não tenham sido sinceros, é mais provável que a grande maioria estivesse dizendo a verdade, diante da *relativa* oscilação nas últimas décadas de ocorrências ufológicas ligadas a armas nucleares. Na verdade, tenho certeza de que dezenas de milhares de veteranos da USAF que trabalharam com essas armas passaram o tempo total de seu serviço sem ouvir sequer um rumor em torno da presença de UFOs nos locais de mísseis em suas bases.

Há, porém, o outro grupo. Quando me aproximei dos indivíduos que se tornariam minhas fontes, muitos pareciam visivelmente precavidos contra meu interesse por suas experiências envolvendo um UFO, alguns temendo que eu lhes preparasse uma armadilha para detectar violação de segurança. Frequentemente tinham que ser convencidos de que minhas perguntas tinham o objetivo de pesquisa e não mera curiosidade, ou algo mais sinistro. Alguns admitiram, depois, que suspeitavam que eu estivesse trabalhando para alguém e testando a fidelidade deles à segurança em torno de incidentes que haviam testemunhado anos e até décadas antes.

Por outro lado, outros numerosos veteranos da Força Aérea que procurei admitiram logo seu envolvimento em um ou outro fato ufológico, ainda considerado confidencial — depois de eu explicar o propósito de minha investigação — e concordaram prontamente em ser entrevistados. Muitos deles me disseram que aguardavam a chegada de alguém disposto a ouvir e conversar sobre suas fantásticas experiências. Vários tinham falado sobre a experiência com suas mulheres, ou amigos, que riram deles e até os ridicularizaram. Claro que alguns dos veteranos da Força Aérea com quem conversei nestes anos todos também eram céticos quanto ao tema UFO, e apenas sorriam ou riam, às vezes fazendo comentários rudes. Entretanto, outros ficavam sérios e respondiam, em voz baixa: “*Eu sei dessas coisas, mas não posso falar!*” Com o passar do tempo, porém, um número cada vez maior de pessoas passou a assumir seu envolvimento num incidente relacionado com armas nucleares e UFOs e concordou em dar entrevista.

Infelizmente, a grande maioria das revelações desses indivíduos, apesar de sua alta credibilidade, a meu ver, não pôde ser verificada,

simplesmente porque os eventos descritos ainda eram guardados como secretos. É muito comum os ufólogos descobrirem que a Lei de Liberdade de Informação — que deve funcionar como uma janela para o cidadão norte-americano vislumbrar muitos assuntos considerados secretos pelo impenetrável acobertamento governamental — expõe apenas dados limitados, ou às vezes nenhum dado de incidentes particularmente delicados envolvendo UFOs.

De fato, no início da década de 80, tentei acessar os arquivos do Escritório de Investigações Especiais da Força Aérea [*Air Force Office of Special Investigations, AFOSI ou apenas OSI*] de acontecimento relacionados a UFOs nos locais de mísseis balísticos intercontinentais de Malmstrom, bem como das instalações de mísseis em outras bases de lançamento, e obtive apenas uma resposta curta e grossa de que não havia mais documentos sobre UFOs nos arquivos do OSI porque todos haviam sido liberados. Duvidei muito disso, levando em conta as espantosas informações que eu vinha recebendo de minhas fontes de ex-militares da Força Aérea ou militares na reserva. Em seu conjunto, essas informações descreviam uma presença inegável e contínua dos UFOs sobre locais de mísseis nucleares norte-americanos, década após década. Além disso, muitos desses veteranos me informaram que haviam sido interrogados por agentes do OSI, e obrigados a manter segredo.

A afirmação da Força Aérea de que não havia registros permanentes desses notáveis eventos no OSI me parecia extremamente inverossímil. No mínimo, cópias de tais registros teriam sido guardadas por outro grupo do órgão, ou até por outra agência, talvez a Agência de Inteligência de Defesa [*Defense Intelligence Agency, DIA*] ou a Agência de Inteligência Central [*Central Intelligence Agency, CIA*], já que ambas tinham recebido dados sobre UFOs relacionados à segurança nacional em muitas ocasiões. Na verdade, segundo uma de minhas fontes, um militar reformado do OSI, relatórios sobre UFOs costumavam ser enviados à DIA. Diante dos relatos extraordinários apresentados neste livro, é óbvio que uma documentação importante ainda é mantida longe dos olhos do público, em algum lugar.

De qualquer forma, logo me pareceu evidente que os documentos que estava procurando provavelmente não seriam fáceis de acessar, nem por mim nem por qualquer outro pesquisador, num futuro próximo. Afi-

nal, a Força Aérea não só não atendia ao meu pedido para que liberasse tais documentos para o público, mas também negava a existência deles. Em 1984, eu sabia que não chegaria a lugar algum recorrendo à Lei de Liberdade de Informação. Por isso, resolvi me concentrar em localizar e entrevistar veteranos da Força Aérea que soubessem dos fatos. Refleti que poderia ao menos tornar públicos seus surpreendentes relatos — em minhas palestras, nos meus artigos, e neste livro.

Acho importante afirmar que nunca foi meu objetivo persuadir nenhum veterano da Força Aérea a falar de seu conhecimento acerca de algum incidente ainda considerado confidencial envolvendo UFOs e armas nucleares — principalmente se ele já tivesse se comprometido a manter segredo. Tentei, no entanto, localizar testemunhas confiáveis que, apesar do acobertamento em torno do fato com qual se haviam envolvido, sentissem a necessidade de divulgar informações a respeito. Aceito sempre qualquer dado relevante que seja oferecido por uma fonte de autoridade. Como já verifiquei repetidas vezes todos estes anos, às vezes mesmo um oficial de alta patente da reserva — que jamais revelaria informações confidenciais a respeito de planejamento ou procedimentos estratégicos — se dispõe a falar minuciosamente sobre o UFO que pairou acima do local de mísseis de seu esquadrão, anos ou décadas atrás.

## **Testemunhas militares isentas**

Uma categoria de testemunhas de avistamento que pode falar à vontade de suas experiências ufológicas é composta de veteranos que, por um motivo ou por outro, não fizeram compromisso de silêncio em torno do incidente. Embora se tenha “pedido” a muitas dessas testemunhas que assinassem um acordo de não revelação após um evento envolvendo um UFO, outras passaram despercebidas por oficiais de inteligência ou contrainteligência, por várias razões, às vezes porque não tiveram um envolvimento central no caso. Na verdade, descobri no início de minha carreira de pesquisador que essas falhas em segurança tinham ocorrido com certa frequência no passar dos anos.

Uma segunda categoria de testemunhas capaz de fornecer informações sobre a atividade dos UFOs relacionada aos mísseis balísticos

intercontinentais é composta por aqueles indivíduos que resolveram, desde o início, se manter em silêncio e não falar do avistamento, ou porque não acreditavam nos próprios olhos, em sua sanidade, ou porque tinham medo das consequências. Qualquer pessoa enviada para trabalhar com armas nucleares, ou em local próximo a elas, se submete a uma diretiva do Departamento de Defesa conhecida como Programa de Confiabilidade de Pessoal [*Personnel Reliability Program, PRP*]. Uma pessoa cuja conduta, no trabalho ou fora dele, é julgada por seus superiores como suspeita e, portanto, uma ameaça potencial às armas, submete-se a possível avaliação psicológica e corre o risco de ser dispensada. Em suma, se alguém pretende continuar trabalhando com armas nucleares enquanto estiver servindo na Força Aérea deve pensar bem antes de relatar um UFO, pois não será bom para sua carreira.

Muitas de minhas fontes, a maioria ex-policiais de segurança de mísseis, mas também pessoal de manutenção e alvo, disseram-me que logo após terem observado um UFO, tomaram a decisão deliberada de não informar seus superiores sobre o incidente, e também coagiram seus colegas a permanecer em silêncio. Consequentemente, o PRP teve um efeito silenciador, em muitos casos, contra aqueles que, sem o tal programa, teriam relatado uma observação de um UFO efetuando manobras perto de um local de armas nucleares. Felizmente, o regulamento também teve a consequência imprevista de disponibilizar aos pesquisadores um número de testemunhas de avistamentos que podem falar à vontade de suas experiências porque, como não relataram o fato, evitaram o interrogatório e, portanto, não se comprometeram em manter segredo.

Além dessas testemunhas, há um terceiro grupo de veteranos da Força Aérea que, tecnicamente, tem permissão de discutir suas experiências com UFOs em locais de armas nucleares. Alguns indivíduos que já trabalharam com mísseis e policiais de segurança me disseram que quando relataram uma observação de UFO a um superior, foram apenas alertados, com gentileza, a não comentar o ocorrido. Parece que em alguns casos, essa reação não foi sequer uma ordem direta, e soava apenas como uma sugestão. Detalhe importante, pelo menos para minha pesquisa, é que essas testemunhas em particular não tiveram que assinar um termo de silêncio em torno dos incidentes reportados.

Por outro lado, algumas de minhas fontes disseram que quando seus superiores lhes deram ordem para não falar de seus avistamentos de UFOs, o alerta era mais que casual. Essas pessoas afirmam que, na verdade, foram intimidadas a manter silêncio. Entretanto, tanto nos casos em que a admoestação foi discreta quanto nos casos em que teve caráter de ordem, nenhuma dessas testemunhas recebeu ordem de se reportar aos investigadores do OSI. Assim, embora tivessem recebido uma sugestão verbal ou alerta para manter segredo, esses homens nunca tiveram que assinar uma declaração de não revelação por motivos de segurança nacional. Consequentemente, nada impede que essas testemunhas de incidentes envolvendo UFOs contem suas histórias — mesmo que a Força Aérea Norte-Americana (USAF) não concorde com meu raciocínio.

Em resumo, seja por intento ou por negligência, o modo como a USAF aplica segurança em torno de ocorrências envolvendo UFOs e armas nucleares tem variado significativamente de um incidente para outro, de uma base para outra, e década após década. Os motivos dessas reações estranhamente assimétricas não me parecem muito claros, mesmo depois de três décadas de estudo. O ponto principal, no entanto, é: há muitos veteranos da instituição que ainda podem discutir abertamente seu envolvimento em fatos envolvendo UFOs e armas nucleares.

### **Confiabilidade de informação**

Os céticos do Fenômeno UFO questionam a veracidade das declarações de minhas fontes. Respondo a eles com uma pergunta: o que ganham meus informantes em se expor dessa maneira? Infelizmente, é comum que as pessoas que relatam um avistamento de um UFO — principalmente pairando sobre o silo de um míssil nuclear — sejam recebidas com má vontade, descrença, por muitos de nossa sociedade. Por esse e outros motivos, é difícil imaginar alguém querendo ir a público e revelar seu conhecimento de um incidente envolvendo UFOs e armas nucleares, a menos que tal indivíduo tenha um compromisso profundo em esclarecer os fatos, apesar do escárnio que sofrerá.

Um problema muito mais legítimo é a habilidade de minhas fontes para lembrar minuciosamente as experiências vividas décadas atrás. Em

muitos casos, a data exata, a designação do local do míssil, os nomes dos colegas que também testemunharam o UFO etc. Ou não são mais lembrados ou são omitidos, quando o incidente me é relatado. A pergunta passa a ser, então: uma pessoa consegue se lembrar, de modo convincente, uma experiência que viveu anos ou décadas antes?

Acho que a questão aqui é a natureza da experiência. Foi algo corriqueiro ou, ao contrário, alguma coisa chocante e do tipo que altera a vida? Embora eu tenha certeza de que um guarda de segurança de mísseis nucleares não vá se lembrar do que comeu no café da manhã do dia de sua experiência com um UFO, certamente ele se lembra — com razoável grau de precisão — do objeto enorme, brilhante, em formato de disco que surgiu silencioso a toda velocidade, vindo do nada, e pairou a 15 m de altura acima do silo que estava sendo vigiado.

Isso não significa que a testemunha se lembra exatamente, décadas depois, de muitos dos mínimos detalhes associados a tal experiência, por mais memorável que tenha sido. Por exemplo, o guarda poderia apenas calcular o tamanho do UFO, a duração de sua breve presença acima do silo, e a velocidade com que partiu. Entretanto, talvez se lembre também, com mais clareza, da distinta forma discoide do objeto, bem como do fato de que era completamente silencioso, tanto enquanto pairava sobre o silo como depois, ao se afastar velozmente e desaparecer num piscar de olhos. Esses aspectos específicos do contato seriam tão diferentes de uma aeronave convencional que teriam deixado uma marca memorável.

Do mesmo modo, o guarda da Força Aérea Norte-Americana (USAF) não se lembraria do nome do oficial de lançamento a quem ele relatou a observação, devido à mudança rotineira de guarda de um local a outro. Tampouco se lembraria das palavras exatas de seu superior, ou de um agente do Escritório de Investigações Especiais, usadas para alertá-lo que não falasse do incidente — no entanto, o tom geral e conteúdo da conversa permaneceriam na memória.

Enfim, apesar da ausência de vários fatos específicos, o caráter básico e a intensidade dessas experiências certamente seriam inesquecíveis para a testemunha, mesmo décadas depois. Portanto, afirmo que o conteúdo apresentado neste livro é um resumo confiável, ainda que incompleto, do que ocorreu em determinados casos. Claro que todas

as narrativas históricas, mesmo aquelas escritas por historiadores profissionais, são exercícios de *aproximação*, e a nossa não é diferente.

Agora, um último ponto deve ser abordado sem mais delongas. Como já admiti, minha metodologia de pesquisa costuma se aproveitar dos vários furos de segurança em torno da atividade dos UFOs relacionadas às armas nucleares. Estou ciente de que tal abordagem não negligencia o fato de que aquilo que faço é basicamente acessar informação sobre incidentes ainda confidenciais. Por conseguinte, percebo e aceito que algumas pessoas talvez pensem que minha estratégia investigativa — que conta com técnicas para contornar o acobertamento oficial — é ilegal, antiética ou não patriota. Em resposta a essas críticas, que já ouvi algumas vezes, deixe-me dizer em primeiro lugar que após 35 anos entrevistando informantes, o FBI nunca bateu à minha porta. Se o que faço é ilegal, os poderosos de Washington não me chamaram atenção a tal fato. Além disso, como comentei antes, nenhuma de minhas fontes foi abordada ou ameaçada.

Em segundo lugar, em todos estes anos tenho sido acolhido com caloroso apoio e incentivo das fontes ex-militares. De um modo geral, esses indivíduos acreditam, assim como eu, que chamar a atenção do público para algo tão importante quanto a realidade dos UFOs é um esforço sancionado pela constituição. De minha parte, nutro o mais profundo respeito pela boa vontade desses veteranos em discutir — mesmo diante do risco do ridículo e de *potencial* assédio oficial — os incidentes ufológicos ainda guardados em segredo e com os quais eles estiveram envolvidos. Na verdade, acredito que as revelações públicas desses indivíduos são atos corajosos de patriotismo.

Vejo que há um princípio mais importante que o acobertamento militar: o direito coletivo do povo norte-americano de conhecer os fatos. Parece-me uma evidência em si que se os UFOs realmente existem — contrariando as obstinadas negações oficiais — e monitoram ativamente, e às vezes até interferem com nossas armas nucleares, como afirmam minhas fontes, uma questão dessa magnitude é um tema legítimo para uma discussão aberta e democrática. Não que eu espere que o Pentágono ou a comunidade de inteligência dos Estados Unidos veja a situação por esse prisma. Seja como for, porém, sempre



reconheci que minha postura pública perante os UFOs é essencialmente a de um ativista. Como alguém já disse: *“Às vezes, para defender seu país, você precisa se colocar contra o seu governo.”*

No momento, as extremas tensões da era da Guerra Fria se acalmaram, e tanto os Estados Unidos quanto a Rússia estão, por meio de tratado, diminuindo seus arsenais nucleares. Entretanto, vastos números dessas armas ainda existem, nos dois lados do oceano, e podem ser liberadas a qualquer momento. Portanto, nossas armas de destruição em massa ainda são uma ameaça em potencial para o futuro da raça humana, bem como para a integridade ambiental de toda a Terra. A questão básica abordada neste livro é se alguém ou alguma coisa, de identidade e origem desconhecias, tem monitorado e às vezes interferido com nossas armas nucleares e, em caso afirmativo, com que propósito.

— **Robert Hastings,**  
*Albuquerque, Novo México, 2008*